

SHEMA ISRAEL: O SINAL DA ÁGUA

William César de Andrade

Olhando nossa realidade

Como morador do Distrito Federal, cresci vendo o lago Paranoá e ouvindo falar de alguns rios (Santo Antônio do Descoberto, São Bartolomeu, Pípiripau etc.). Parecia que havia água com fartura e o grande número de piscinas¹ (nos bairros do Lago Sul e Norte) serviam para indicar a existência de um grupo de privilegiados em nossa sociedade. Bem sei que este é um retrato parcial da realidade, pois ao mesmo tempo ocorria nas periferias das cidades-satélite uma situação completamente distinta. Na Vila Buritis, em Planaltina, as mulheres tinham que buscar água no chafariz – uma torneira para mais de 20 famílias – e era comum ocorrer cortes no fornecimento de água durante uma parte do dia. Este mesmo quadro se repetia em vários lugares da cidade.

No decorrer dos anos noventa, surgiram os primeiros sinais de esgotamento do “suprimento” de água potável na região, e alguns rios menores, tais como o Fumal e o Pípiripau, foram represados. Além disso, o assoreamento de algumas nascentes e a infestação de coliformes fecais nas águas de superfície e no subsolo apontam para um quadro sombrio. Do mesmo modo que atualmente se fala em racionamento e cortes no fornecimento de luz elétrica, as perspectivas quanto à água no Distrito Federal vão na mesma direção. Segundo pesquisa de Mauro Ribeiro: “no diagnóstico da situação das quatro bacias do DF (São Bartolomeu, Descoberto, Maranhão e Preto), ele descobriu que, em alguns locais, até os peixes já sumiram”².

O descaso por parte do Estado, que autoriza implantação de novos bairros, ou simplesmente assiste – quando não é parte ativa – à multiplicação dos condomínios e residências irregulares, sem um estudo sério dos impactos ambientais, vem degradando o ambiente e reduzindo a qualidade de vida da população do Distrito Federal. De acordo com o geólogo Maurício Teixeira Souza, “os condomínios do Lago Sul, Sobradinho II, Grande Colorado (próximo a Sobradinho), Núcleos Rurais Vicente Pires e Samambaia (entre Taguatinga e Guará) e parte de Planaltina são as áreas mais comprometidas. São as vilãs do esgotamento do estoque subterrâneo, por estarem exatamente em terrenos sensíveis, onde ocorre a maior parte das infiltrações de água para o lençol freático”³.

Numa comparação com o texto bíblico de Ex 7,14-25, percebemos que algo está errado em nossa sociedade, pois também aqui as águas estão morrendo, estão transfor-

1. Conforme o *Correio Braziliense* de 09/07/2000, na p. 10, “Cerca de 90% dos moradores do Lago Sul e 87% do Lago Norte possuem uma piscina em casa. São mais de 25 mil apenas nessas duas áreas...”

2. *Correio Braziliense*, de 23/03/2001, p. 14.

3. *Correio Braziliense*, de 23/03/2001, p. 14.

madras em “sangue”⁴. Para a maioria da população, o consumo está abaixo dos 200 litros/dia (índice recomendado pela OMS), enquanto as elites chegam até a 600 litros/dia. A forma de urbanização que incha as grandes cidades e marginaliza a maioria dos migrantes é predatória, isto é, destrói as reservas florestais nativas, impermeabiliza o solo e, do ponto de vista humano, amplia as desigualdades sociais.

O modelo de desenvolvimento e o próprio sistema econômico em que estamos inseridos, ainda que de modo periférico, impede uma relação mais positiva com a natureza e com o ser humano. Falta-nos enquanto sociedade um olhar, preocupação ou atenção, que seja cuidadoso e terno para o mundo em que vivemos. Para Boff, “há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares são contaminados, águas são poluídas, florestas são dizimadas, espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade”⁵.

Abrindo uma janela: a “água podre” foi um sinal no Egito

“O Senhor disse a Moisés: ‘Dize a Aarão: toma o teu bastão, estende a mão sobre as águas do Egito – sobre seus riachos, seus canais, seus lagos, por toda parte onde existe água –; que se tornem sangue! Que haja sangue em toda a terra do Egito, nos recipientes de madeira e nos recipientes de pedra’ (Ex 7,19)!”

Impressionam-nos os relatos da luta e resistência do povo hebreu no Egito. Na catequese muitas vezes as imagens das “pragas” e a passagem do mar tornavam-se cenas épicas, onde os heróis (Moisés, Aarão e Miriam) venciam os bandidos (faraó e seus exércitos). Ofuscados pelo conteúdo dramático e por uma compreensão mágica dos acontecimentos, saíamos da história e nos entregávamos ao louvor e o reconhecimento da grandeza de Deus.

Sem dúvida, as narrativas que culminaram na saída do Egito foram histórias contadas e cantadas nas fogueiras e celebrações realizadas pelo povo. A cada recontar, um acrescentar poético, aventureiro, heróico... enfim, as narrativas refletem uma ampliação dos fatos ocorridos, e muitas leituras teológicas sobre os acontecimentos que levaram os hebreus à vitória contra o Egito opressor.

Pixley afirma: “era evidente que as narrativas das pragas constituíam histórias favoritas das pessoas que transmitiam a história do êxodo. As muitas repetições e a ampliação do conjunto evidenciam esta avidez com que se transmitiam. O que coloca o problema do contexto de sua transmissão”⁶.

Para os exegetas adeptos da teoria das fontes/tradições (J-Javista, E-Eloísta, D-Deuteronomista e P-Sacerdotal), o texto reflete, segundo Pixley, uma combinação

4. WEGNER, Uwe, comentando sobre a situação das águas no Brasil: “os rios que fluem não são mais unicamente rios de água viva, mas, simultaneamente, rios de água morta ou semimorta”. *Bíblia e ecologia*, p. 7.

5. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – ética do humano – compaixão pela terra*. Vozes: Petrópolis. 1999, p. 20.

6. PIXLEY, George. *Êxodo*. Paulinas: São Paulo, 1987, p. 66.

de J e P⁷. Esta é uma discussão acadêmica que, no contexto deste artigo, não tem maior importância, dado que conduziremos nossa reflexão em outra direção.

Interessa-nos perceber que a saída do Egito não foi um ato mágico ou um acontecimento estrelado unicamente por Deus. Para nós, os relatos dos sinais e prodígios ocorridos no Egito apontam para um processo de longa duração, onde os escravos precisam interpretar a conjuntura em que estão inseridos e, a partir de sua realidade, buscar a presença de Deus e um sentido libertador para os acontecimentos. É nesta mesma chave de leitura que os cristãos releem as “pragas” a partir de suas lutas contra o Império Romano. Para Richard, “temos que procurar discernir as pragas com o mesmo Espírito com que foram escritos o Êxodo e o Apocalipse... À luz da Bíblia, as pragas sempre são contra o sistema de dominação, nunca contra os pobres, as comunidades ou o povo de Deus. Além disso, as pragas têm um objetivo positivo: não buscam a destruição, mas a conversão e a conseqüente libertação dos pobres”⁸.

Quando as diversas traduções da Bíblia (em português) apresentam os capítulos de Ex 7–11 como “as pragas do Egito”, a nosso ver, cometem um equívoco ou, em casos mais graves, manipulam o texto colocando-o numa perspectiva do egípcio e não do hebreu. É o faraó e aqueles que vivem explorando os escravos que avaliam os “desastres” naturais e as crises econômicas como verdadeiras pragas, que produzem instabilidade e ameaçam o Estado.

Para os escravos, esta mesma conjuntura é vista de modo totalmente diverso. Pixley afirma: “podemos imaginar que algumas das pragas descritas coincidiram com a luta dos hebreus pela sua libertação e que foram consideradas, tanto pelo povo levita como pela corte, como demonstração da intervenção de Javé”⁹.

Assim, podemos afirmar que há uma disputa entre hebreus e egípcios pela interpretação da conjuntura, e este conflito é estendido a toda a história, visto que na ideologia dominante era impossível que um deus subalterno, vencido, derrotado, cujo povo era escravo, tivesse o poder de conduzir os acontecimentos e debilitar ou destruir a dominação do império.

Ultrapassando o debate tradicional

Durante muito tempo, no debate sobre as narrativas de Ex 7–11, as posições dos biblistas se concentraram na questão da possibilidade histórica de os fatos terem ocorrido na forma como estão descritos. Desta forma, alguns autores buscavam afirmar que os fatos eram apenas fenômenos naturais¹⁰, perfeitamente possíveis e explicáveis pela razão: “Quando há fortes chuvas nas nascentes do Nilo, suas águas se tornam

7. *Ibidem*, p. 69.

8. RICHARD, Pablo. “As pragas na Bíblia – Êxodo e Apocalipse”, em *Concilium* n° 273/1997, p. 65.

9. *Ibidem*, p. 68.

10. Segundo o *Dicionário bíblico* de J.L. McKenzie: “é evidente que as pragas são fenômenos naturais do Egito e, na verdade, de muitas zonas do Oriente Médio. O Nilo fica vermelho na época da inundaçã, quando leva grandes quantidades de terra das montanhas em que nasce, é verde nos períodos de seca, quando se enche de algas, e as poças de água nas proximidades do rio estagnam. Sem dúvida, é ao ‘Nilo verde’ que se refere a tradição...”, p. 738.

malsãs e se coloram de vermelho. A praga das rãs seria consequência natural desta contaminação das águas. As epidemias entre o gado são freqüentes em qualquer sociedade que não conta com os sistemas desenvolvidos da veterinária. E a praga dos gafanhotos é fenômeno que acontece de quando em quando nesta região”¹¹.

Para alguns autores, principalmente os que fazem uma leitura ao “pé da letra”, os acontecimentos miraculosos ocorridos no Egito de fato se deram como foram narrados, e neles sobressai a ação redentora de Deus, que pune os egípcios e poupa os hebreus. É nesta chave de leitura que Hoff interpreta Ex 7–11: “reconhecemos que muitas das pragas foram fenômenos da natureza como a saraiva e os gafanhotos, porém estes açoites sobrevieram por intervenção sobrenatural de Deus. Ocorreram na hora predita por Moisés... Além disso, Deus fez distinção entre os egípcios e os israelitas não castigando os hebreus com as últimas sete pragas. Fenômenos naturais sem nenhum elemento sobrenatural jamais teriam convencido os escravos hebreus e muito menos o faraó”¹².

É complicado tentar explicar todos os sinais mencionados em Ex 7–11 como fenômenos naturais ou considerá-los atos miraculosos feitos pelo Deus dos hebreus para mostrar seu poder e vencer aos deuses do faraó. De fato, uma leitura mais atenta das tradições em torno dos sinais do Egito produz alguma incerteza, pois existem divergências gritantes. Segundo Mesters: “o Salmo 77 enumera 7 pragas, o salmo 104 conhece 8 pragas, enquanto o livro do Êxodo relata 10 pragas... Afinal, quantas foram as pragas? Dá a impressão de que o autor ou redator final do livro do Êxodo pensou em dez, achando que era um número bom”¹³.

As narrativas dos sinais ocorridos no Egito são construções teológicas longamente amadurecidas pelo povo de Israel, cuja mensagem principal não era ressaltar aspectos mágicos ou naturais inerentes aos acontecimentos. Para Mesters, “a preocupação fundamental não é só contar a história e dar uma ‘reportagem jornalística’ dos acontecimentos do êxodo, mas é, antes de tudo, transmitir, pela descrição da história, o sentido desta para a vida que não pára mas evolui constantemente... O interesse fundamental da Bíblia, ou seja, o sentido que ela descobre nos fatos do êxodo, é que lá Deus se revelou ao povo e a ele se impôs como sendo o ‘Deus do povo’”¹⁴.

Ninguém fala de Deus sem estar situado em um lugar – social, de gênero, econômico, cultural e ideológico – bem como não se faz teologia sem assumir posições dentro das contradições e tensões que existem na sociedade em que vivemos. Constatamos que as memórias do êxodo passaram por vários processos de transmissão e redação, de tal maneira que em cada releitura podemos afirmar que se contextualiza o presente, tendo por espelho a resistência e a vitória diante do opressor. Assim, acolhemos a compreensão de Pixley ao afirmar que: “nós propomos que o verdadeiro contexto social destes relatos é a necessidade de manter o moral israelita em suas contínuas lutas

11. PIXLEY, *op. cit.*, p. 68.

12. HOFF, Paul. *O pentateuco*. Vida: Belo Horizonte, 1993, p. 113. Nesta mesma linha encontramos COLUNGA, Alberto e CORDERO, Maximiliano García. *Pentateuco*. BAC. Madrid, 1962, p. 124-126.

13. MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?* 9ª edição. Vozes: Petrópolis, 1991, p. 47.

14. *Ibidem*, p. 47.

contra os reis cananeus que tentavam subjugar-los... O jogo de Moisés com o rei, com os múltiplos golpes que constituem as pragas, se relataria em reuniões informais do povo, sendo ampliados estes golpes com saborosos pormenores aptos a frisar o poderio de Javé e a astúcia de Moisés”¹⁵.

Os sinais do Egito mostram como era impossível dialogar com o opressor, pois este é incapaz de compreender as razões do escravo e, principalmente, entender o seu anseio por liberdade. No dizer de alguns autores, há uma “queda de braço” entre Moisés e faraó, entre o Altíssimo e os deuses do Egito, onde cultuar e viver os valores propostos pelo Senhor supõe a liberdade e uma sociedade que não seja baseada na opressão. Em várias ocasiões da história de Israel este mesmo conflito volta a ocorrer, seja com relação aos reis cananeus e filisteus, seja com os reis de Israel e Judá.

Podemos afirmar que o estado tributário, descrito em 1Sm 8 e Dt 17,16-17, é o alvo atingido pelos sinais do Egito, sendo que a figura de faraó aparece como símbolo dos reis e elites também existentes em Canaã/Israel. A crítica ao poder e às relações que se estabelecem na sociedade, quando o rei e as elites sacerdotais, militares e fundiárias, se vêem como continuadores da aliança com o Altíssimo, é a resposta profética à manipulação religiosa e a base da resistência popular.

No contexto narrativo de Ex 7–11, segundo Balancin, “o conflito aparece de duas maneiras: a competição e a negociação. A competição é feita com os magos do Egito... Derrotá-los significa desmistificar e desestabilizar todo o sistema. Em meio à competição, desenvolve-se uma negociação sob pressão. Pouco a pouco o opressor vai percebendo a força do oprimido. Quando o oprimido pressiona, o opressor propõe negociação”¹⁶.

Na Antigüidade, considerando-se aqui o Oriente Antigo, a religião ocupa o lugar de principal instrumento ideológico de sustentação do Estado e de manutenção da ordem social vigente. A vitória ou a derrota no campo de batalha, as dificuldades de reprodução dos animais e de obtenção da colheita, bem como o reduzido número de filhos, são fatos vistos como sinais indicativos do poder do principal deus cultuado naquelas sociedades. Assim, estabelece-se uma hierarquia entre os deuses, semelhante à hierarquia existente entre os seres humanos, e se afirmam pactos de vassalagem e subserviência para os deuses “mais fracos”. Numa teologia a serviço dos opressores, se afirmava que os deuses dos escravos e povos submetidos ao império eram dependentes do deus do faraó, ou do rei local.

Ravasi considera que o texto de Ex 7–11 tem uma construção teológica, onde as assim chamadas pragas devem ser vistas como algo “além de ‘golpes’ ou flagelos, *nifla’ot* – ‘prodígios’, *’otot* – ‘sinais’, *moftim* – ‘milagres’. É preciso, por isso, evitar a banalização racionalista das pragas, que negligencia completamente a alma do texto:

15. PIXLEY, George V. *Êxodo*. Paulinas: São Paulo, 1987, p. 67.

16. BALANCIN, Euclides M. e STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro do Êxodo – o caminho para a liberdade*. Paulinas: São Paulo, 1990, p. 39-40.

o triunfo dos humildes e dos marginalizados sobre o poder mundial do Egito, a humilhação do faraó”¹⁷.

Moisés apresenta seu Deus como alguém em iguais condições diante dos deuses do Egito, recusa a subalternização que a ideologia dominante propugnava, e vai além: demonstra que o seu Senhor pode vencer e aniquilar a seus concorrentes. É por estratégia (quem sabe efeito narrativo) que Moisés propõe negociação com o faraó, mas efetivamente fracassa em seus intentos, o que resulta na radicalização do processo revolucionário em curso (a morte dos primogênitos).

Águas: sinais de vida e morte (Êxodo 7,14-25)

Dentro da narrativa dos sinais do Egito, a transformação da água em sangue é o primeiro acontecimento que repercute para fora do palácio e atinge a sociedade como um todo. Contudo, a transformação do bastão em serpente (Ex 7,8-13) e a da água em sangue (Ex 7,14-25) são também realizadas pelos sacerdotes do faraó. Como entender este conflito entre deuses?

A capacidade de realizar sortilégios, eventos mágicos e miraculosos era corrente nas religiões do Oriente Antigo, servindo em diversas ocasiões como demonstração do poder dos sacerdotes e dos reis que veneravam a estes deuses. Faz parte da ideologia dominante o uso destes recursos para manter sua hegemonia sobre a sociedade, pois o poder manifesto gera temor e vence resistências. Neste sentido, a “estratégia” de transformar água em sangue não funcionou, não obteve os resultados que os hebreus esperavam.

Contudo, queremos considerar alguns aspectos que nos parecem importantes para a compreensão do texto:

a) O motivo apresentado pelas lideranças, para sair ainda que momentaneamente da escravidão, era adorar a Deus no deserto. O deserto aqui aparece como lugar rico em possibilidades de libertação, é a fronteira entre o território governado pelo faraó e a região em que vários grupos seminômades vivem em permanente conflito com o império. Aproximar-se do deserto é colocar-se numa lógica de resistência ativa ao Egito e às cidades-estado que reproduzem o sistema tributário. É lá que se encontram os *habirus*, que, segundo Thiel, “representavam uma classe que não possuía *status* social e que existia na periferia da sociedade como grupo marginalizado. Seus membros tinham perdido sua posição social anterior e haviam sido forçados a se retirarem para regiões de difícil acesso ou pouco alcançadas pelo controle das cidades-estados”¹⁸.

b) Ao colocar-se próximo à lógica dos *habirus*, os hebreus que se organizam e lutam para sair do Egito superam a fragmentação étnica e religiosa e ao mesmo tempo constroem uma contra-ideologia, centrada no Deus único, sem templo ou sacerdócio, caminheiro e cultuado nas tendas e no monte Sinai. No Egito, considerar alguém hebreu era afirmar sua condição socioeconômica de pobre e estrangeiro. Foi no processo

17. RAVASI, G. *Êxodo*. Paulinas: São Paulo, 1985.

18. THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. Paulinas/Sinodal: São Paulo/São Leopoldo, 1993, p. 56.

de conscientização e luta contra o império que os diversos hebreus descobriram que tinham um inimigo comum, e só teriam alguma chance de resistir se estivessem abertos a dialogar sobre suas tradições e memórias. Vencer a fragmentação e não se iludir acreditando que estavam “sentados junto à panela de carne, comendo pão com fartura” (Ex 16,3).

c) Alguns historiadores chamam o Egito e as sociedades que se estabeleceram na Mesopotâmia de civilizações hidráulicas, pois os rios estão na base de sua estrutura enquanto sociedade e cultura. Os grandes rios (Nilo, Tigre e Eufrates) são fundamentais porque formam vales férteis e agricultáveis. O estado monárquico organizou a divisão social do trabalho – senhores e escravos, homens e mulheres, povos dominadores e povos dominados – de tal maneira que a produção tornou-se intensiva. É claro que em algumas ocasiões os períodos de seca ou as inundações trouxeram alguns problemas para o funcionamento do sistema. Mas as águas eram, de fato, o “sangue” que dava vida ao império egípcio.

d) No texto encontramos duas afirmações sobre o alcance da crise da água. A primeira delas (Ex 7,17-18) refere-se ao rio (Nilo) e indica a morte dos peixes e a impossibilidade de usar sua água para consumo. Na morte do rio Nilo está de certo modo prefigurado o fim do próprio império. O segundo texto (Ex 7,19) afirma que toda a água existente no Egito (do rio, das vasilhas e reservatórios), usada ou consumida pelos egípcios, se transformou em sangue, ficando o rio poluído e morto. Nas duas versões encontramos um ataque frontal ao império egípcio e à ideologia religiosa que o sustenta: o faraó é um deus, seu poder não pode ser questionado.

e) Somente os egípcios sofrem com a crise da água, e nos demais sinais este esquema se repetirá, de forma a indicar que somente os opressores serão castigados. É a água usada como instrumento e base do estado tributário que não pode ser mais vista como vida; sua presença e uso naquela sociedade gerou escravidão, desigualdade social e morte. Simbolicamente, a água dos que se rebelam e buscam formas de acabar com a escravidão continua potável, portanto, própria para o consumo humano e dos animais.

f) Entretanto, o sinal da água pode ser imitado pelos magos do faraó (Ex 7,22) e, segundo o texto, isto foi suficiente para que não mais se falasse em crise. Os ideólogos do sistema tinham uma explicação para o que estava ocorrendo, tinham até meios de “fabricar em laboratório” o mesmo fenômeno e, além disso, havia outras tecnologias para se obter água potável (cavaram poços). Este fato não recebe uma interpretação imediata por parte do redator do livro, pois outros sinais ocorrerão para que a liberdade efetivamente seja alcançada, mas é significativo que a água seja o ponto de partida para o confronto entre a sociedade egípcia e a proposta de uma sociedade alternativa e sem opressão.

Para os escravos que estavam inseridos na caminhada de libertação, o sinal da água deve ter representado algo muito forte. Podemos afirmar que algo novo estava nascendo e atingindo de morte o sistema de dominação imperial egípcio. As contradições naquela sociedade tinham chegado ao limite, e a morte era inevitável para os que acreditavam naquela ordem social e reproduziam seus valores. É interessante perce-

ber que no caminho do deserto, quando a sede se torna insuportável, é o Altíssimo que prontamente faz jorrar água (Ex 15,22-27). No caminho para a nova sociedade a água é dom de Deus e sinal da observância de seus mandamentos.

Refletindo sobre a importância da água na vida do povo de Israel, Jiménez afirma que: “a abundância de águas, com que se descreve o princípio e a escatologia (o fim dos tempos) que balizam a história de Israel, nos mostra simbolicamente com grande clareza como o povo se relacionava com a água, olhada algumas vezes como fonte de vida ou de purificação, ou como elemento destruidor e temível. A atitude de Israel frente à água foi ambígua: a amava e a desejava, porém a temia”¹⁹.

Os cristãos em várias ocasiões utilizaram-se das memórias populares dos sinais do Egito, assim como de outras passagens do longo caminho de libertação. No livro do Apocalipse, encontramos a comunidade cristã diante de um opressor tão poderoso, como antigamente era o faraó. Segundo Richard, as passagens de Ap 8,2–11,19 e 15,5–16,21 “representam uma releitura do Êxodo, não mais no Egito, mas no coração do Império Romano, no final do primeiro século”²⁰.

Ao interpretar os textos referentes aos sinais do Egito e aos sinais presentes no juízo em Apocalipse, Richard conclui que “todas as pragas do Egito (as nove primeiras) e todos os sinais da chegada do Reino no Apocalipse encontram sua realização nos atos de resistência e luta dos pobres e oprimidos contra o sistema de dominação e pela libertação do Povo de Deus... Para o sistema são sinais negativos, mas para os pobres são os sinais e prodígios de Deus que anunciam e realizam o Reino de Deus”²¹.

O que temos pela frente

Ainda é pequeno o número de pessoas e ONGs que se preocupam com o tema da água, mas notamos um crescimento da conscientização quanto ao uso deste recurso básico à vida. Percebemos que, até o presente, as igrejas pouca coisa têm feito para contribuir na construção de uma nova mentalidade, seja no sentido de impedir novas agressões aos mananciais, seja na direção de estabelecer novas relações com a natureza e mesmo a nível pessoal.

É preciso romper com a lógica que mantém os faraós de hoje encastelados no controle da sociedade, se imaginando donos da terra e de todos os recursos que nela há. O socialismo é nossa utopia, projeto de sociedade igualitária e justa, em que o ser humano esteja em equilíbrio com os demais seres e a própria terra. Estamos em tempo de lutas e resistência, e denunciar a morte das águas é um passo entre os muitos que ainda temos que dar em direção à concretização de nossos sonhos²².

19. JIMÉNEZ G., Humberto. “El agua en la Biblia”, artigo na Internet, p. 1, 2001. O autor menciona que no Antigo Testamento se encontram 1.500 versículos, e no Novo Testamento 430, que tratam do tema da água.

20. RICHARD, Pablo. “As pragas na Bíblia – Êxodo e Apocalipse”, em *Concilium* nº 273/1997, p. 59.

21. *Ibidem*, p. 66.

22. Para Wegner, o texto bíblico “via de regra avalia crises relacionadas com o meio ambiente como o resultado do pecado, da desobediência a Deus... Em outros textos a crise aparece como uma espécie de ‘troco’ da parte de Deus pelo mal que as pessoas cometem, sendo juízo de castigo” (*Bíblia e ecologia*, p. 34).

No dizer de Klinken, “com seus atributos intelectuais, o homem é predestinado a apresentar-se como cooperador de Deus. Ele pode iniciar esta vocação levando a peito todo ser vivente, educando a si mesmo e os seus filhos para que tenham respeito pela aliança e pela ecologia”²³. A terra da liberdade é um sonho possível, mas é preciso desmascarar a ideologia dominante do progresso que vence a natureza, da necessidade de sacrifício da vida dos pobres para que o sistema se mantenha. É preciso confiar no humano e ver nele a presença do redentor.

Bibliografia

- BALANCIN, Euclides M. e STORNILO, Ivo. *Como ler o livro do Êxodo – o caminho para a liberdade*. Paulinas: São Paulo, 1990.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – ética do humano – compaixão pela terra*. Vozes: Petrópolis, 1999.
- COLUNGA, Alberto e CORDERO, Maximiliano García. *Pentateuco*. BAC: Madrid, 1962.
- HOFF, Paul. *O Pentateuco*. Vida: Belo Horizonte, 1993.
- JIMÉNEZ G., Humberto. “*El agua en la Biblia*”. Artigo na Internet: <http://servicioskoinonia.org/relat>. 2001.
- KLINKEN, Johan van. “O terceiro ponto do processo conciliar JPPC – a ecologia entre a teologia e as ciências naturais”, em *Revista Concilium* n° 236/1991.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. 5ª edição, São Paulo, 1984.
- MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?* 9ª edição. Vozes: Petrópolis, 1991.
- PIXLEY, George. *Êxodo*. Paulinas: São Paulo, 1987.
- RAVASI, G. *Êxodo*. Paulinas: São Paulo, 1985.
- RICHARD, Pablo. “As pragas na Bíblia – Êxodo e Apocalipse”, em *Revista Concilium* n° 273/1997.
- THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. Paulinas/Sinodal: São Paulo/São Leopoldo, 1993.
- WEGNER, Uwe. *Bíblia e ecologia*. CEBI. São Leopoldo, 1992.

William César de Andrade
Q8 Conj. “D” Casa 19
Arapoanga – Planaltina, DF
73301-970
billiandrade@bol.com.br

23. KLINKEN, Johan van. “O terceiro ponto do processo conciliar JPPC – a ecologia entre a teologia e as ciências naturais”, em *Concilium* n° 236/1991, p. 80.